

## PROTAGONISTAS AUTISTAS NA CULTURA FICCIONAL

Alexsandra Rosa<sup>1</sup>  
Lúcia Regina Lucas da Rosa<sup>2</sup>

### RESUMO

Tendo em vista a necessidade de inclusão de personagens especiais na literatura, esse trabalho tem como objetivo identificar as características dos protagonistas autistas em obras ficcionais e analisar os benefícios dos conhecimentos adquiridos por meio destas para a sociedade. Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica para verificação da verossimilhança destes protagonistas e, também, uma pesquisa quantitativa para metrificar a opinião dos leitores-espectadores-internautas em relação a essas obras. Por fim, discutimos quais os benefícios para os consumidores deste conteúdo e para a comunidade autista. Esse trabalho foi realizado a luz dos teóricos Mikhail Bakhtin, Nestor García Canclini, Antônio Cândido, Regina Dalcastagnè, Wolfgang Iser e Gabriel Perissé.

**Palavras-chave:** Protagonistas autistas. Espectro. Representatividade. Inclusão. Literatura.

### ABSTRACT

Given the need to include special characters in the literature, this paper aims to identify the resources of autistic protagonists in fictional works and analyze the benefits of knowledge acquired through them for a society. For this, a bibliographic research was performed to verify the likelihood of these protagonists and also a quantitative research to measure the opinion of readers-readers-international-interactive in relation to these works. Finally, we discuss what are the benefits for consumers of this content and for the autistic community. This work was done by the light of theorists Mikhail Bakhtin, Nestor García Canclini, Antonio Cândido, Regina Dalcastagnè, Wolfgang Iser and Gabriel Perissé.

**Keywords:** Autistic protagonists. Spectrum. Representativeness. Inclusion. Literature.

### 1 INTRODUÇÃO

Com a inclusão cada vez mais em pauta, vê-se também essa necessidade nas produções literárias e cinematográficas. Toda essa produção é algo, infelizmente, recente. Diversidade e representatividade são essenciais no conteúdo das nossas produções artísticas, uma vez que a literatura e o cinema fazem com que tenhamos contato com outras realidades e, conseqüentemente, tornemo-nos mais humanizados. Contudo, não se vê muitas criações com protagonistas que tenham

---

<sup>1</sup> Licenciada em Letras – Português e suas respectivas literaturas pela Universidade La Salle – Unilasalle. E-mail: alexsandraalvesrosa@gmail.com. Data de entrega: Dez/2019

<sup>2</sup> Mestre e doutora em Literatura Brasileira pela UFRGS. Professora da Universidade La Salle – Unilasalle. E-mail: lurosa@unilasalle.edu.br.

algum transtorno de desenvolvimento. Em contrapartida, por conta de uma “epidemia” de transtornos de espectro autista, a qual abordaremos posteriormente, há algumas produções recentes que trazem como protagonistas crianças e adultos nesta condição.

Diante disso, definimos como **problema de pesquisa** a seguinte questão: Como são representados os protagonistas autistas na cultura ficcional? Para compreender o que entendemos aqui por *cultura ficcional*, cabe salientar que atualmente existe uma convergência digital, portanto a “cultura ficcional” não está mais delimitada a parágrafos e versos. Como bem explana Canclini (2008) por mais que alguns educadores ainda tentem preservar a ideia de uma ruptura entre a leitura e as produções audiovisuais (televisão, cinema, seriados etc.), há décadas não se é mais cabível considerar que a literatura está circundada pelos muros da escrita. Uma vez que a literatura é uma obra com o objetivo de aprimorar a criticidade, ética e a criatividade, conforme Perissé (2006), o sufixo “tura” é um termo filológico que remete ao cultivo espiritual, de amor, de sensibilidade ao que é belo, de ética e de humanidade, entendemos aqui como “cultura ficcional” toda produção consumida por leitores-espectadores-internautas que empenham-se nesse cultivo.

O **objetivo geral** desta pesquisa é analisar as características dos protagonistas autistas em uma obra literária infantil e dois seriados televisivos que são, respectivamente: “Meu amigo faz iiiii” de Andrea Werner, “The Good Doctor” com direção de David Shore e “Atypical” dirigido por Robia Rashid. Ademais traçamos três **objetivos específicos** que explanaremos, a seguir:

O primeiro é comparar as características destes protagonistas das obras selecionadas com as características mencionadas na literatura científica acerca das pessoas dentro do espectro para analisar a verossimilhança destes personagens. O segundo objetivo é compreender se o protagonismo desses personagens auxilia na representatividade dos autistas da vida real e o terceiro é analisar os benefícios do conhecimento acerca do transtorno para a sociedade no geral. A tarefa para atingir o segundo e o terceiro objetivo é (a) a criação de uma pesquisa online a ser aplicada em pessoas que dividiremos em dois grupos: relacionadas a não relacionadas à comunidade autista. Por fim, apresentamos as considerações finais e trabalhos futuros.

## 2 O QUE É AUTISMO?

### 2.1 Conceito

Conceituar autismo é complexo, pois, conforme Cavalcanti e Rocha (2007), enquanto a neurologia o classifica como uma síndrome, focando no déficit da capacidade afetiva, da comunicação e da linguagem, e persistindo em que é determinado de forma puramente orgânica, a psiquiatria divide-se em considerá-lo como um distúrbio psicoafetivo ou uma doença geneticamente determinada. A denominação “Transtorno Autista” é recente: Segundo Schmidt (2017) foi apenas em 1980 que se passou a utilizá-la, até então o autismo era entendido como uma forma de psicose que se manifestava na infância e até relacionado com o diagnóstico de Reação Esquizofrênica do Tipo Infantil.

Muitos estudos antigos foram refutados, houve grandiosos avanços e o autismo tem sido melhor compreendido atualmente, ainda que tenhamos muitas peças faltantes neste quebra-cabeça. Observando a construção da palavra que denomina o espectro, nos deparamos com radicais gregos “autos” e “ismo” que, ao serem traduzidos, querem dizer algo como “orientação voltada para si mesmo” (PEREIRA, 1969). Se buscarmos a definição de autismo em dicionários, o significado dessa palavra na língua portuguesa aponta para um mesmo caminho: trata-se de pessoas que têm grande dificuldade de distinguir sua própria identidade e, semelhantemente, a daqueles que estão em seu entorno. Ao buscar no dicionário online, encontramos a seguinte definição:

Psicopatologia caracterizada pelo recolhimento e absorção do indivíduo em seu universo privilegiado de pensamentos, sentimentos e devaneios subjetivos, com o conseqüente alheamento do mundo exterior e a perda do contato com a realidade a seu redor. (AUTISMO, 2019)

Baseando-se, portanto, em definições estritamente relacionadas ao sentido da palavra autismo na língua portuguesa, conseguimos compreender que são indivíduos que captam de forma diferente seu universo e o universo alheio, desatendendo os padrões sociais que conhecemos. Porém é importante, também, conhecer o que a literatura científica entende por Transtorno do Espectro Autista atualmente e, para abrir esse leque, podemos iniciar compreendendo que para a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS, 2017) o transtorno é caracterizado por um comprometimento (leve, intermediário ou severo) no comportamento social, na comunicação e na linguagem e que os indivíduos dentro deste espectro normalmente

apresentam uma gama estreita de interesses e atividades repetitivas. Essa condição se torna aparente nos primeiros cinco anos de vida segundo a Organização. Para corroborar, cabe citar a definição pela versão mais atual do DSM, que é o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, organizado pela *American Psychiatric Association*:

O transtorno do espectro autista caracteriza-se por déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos, incluindo déficits na reciprocidade social, em comportamentos não verbais de comunicação usados para interação social e em habilidades para desenvolver, manter e compreender relacionamentos. Além dos déficits na comunicação social, o diagnóstico do transtorno do espectro autista requer a presença de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. (DSM-5, 2014. P. 31)

Após muitos anos de grandiosas evoluções nos estudos referentes ao transtorno, hoje o autismo é compreendido como um espectro de condições variadas, e não somente um quadro clínico (SCHMIDT, 2014). Os conceitos acima mencionados serão considerados nesta pesquisa e outras muitas ponderações que virão posteriormente. Como já dito, tal transtorno é um grande quebra-cabeça, ainda com muitas peças faltantes para todos os envolvidos: médicos, educadores, pais e sociedade no geral que busca respostas sobre aspectos biológicos e antropológicos relacionados. A seguir, aprofundaremos a pesquisa compreendendo melhor as características dos indivíduos que estão dentro do espectro e os avanços da comunidade científica a respeito, pois esse estudo será indispensável para cumprir os objetivos traçados nesse artigo.

## **2.2 “Epidemia” de Autismo**

O fator epidemiológico acerca do transtorno é fundamental a ser mencionado, por conta do aspecto da representatividade destes casos nas culturas ficcionais, uma vez que o aumento nos casos de autismo - ou o aumento nos relatos de caso de autismo - cresceu consideravelmente. Até 2012, o número levantado pela ONU era de que cerca de 70 milhões de pessoas no mundo, ou seja, 1% da população estava dentro do espectro, o que significava um número superior aos casos de câncer, Aids e Diabetes em crianças, (SILVA, 2012). Mais recentemente, porém, um estudo realizado no *Center for Disease Control and Prevention* (CDC, 2014) estimou que 1 a cada 68 crianças em idade escolar foi identificada no TEA, tal pesquisa foi realizada nos EUA.

Segundo Schmidt (2017) uma possível explicação para esse aumento dos casos de autismo é a maior sensibilidade dos instrumentos diagnósticos além da evidente difusão de conhecimento a respeito do transtorno entre médicos e educadores, por exemplo (apud PRESMANES, ZUCKERMAN & FOMBONNE, 2015). É importante salientar, também, que o autismo não tem cura. Tem tratamento, que é, basicamente, sempre experimental, pois os especialistas tentam estratégias terapêuticas que a continuidade depende do sucesso naquele indivíduo autista específico, conforme Bonetti & Santos (2019). Há medicações disponíveis para alívio dos sintomas e das doenças advindas do TEA, porém nenhuma medicação já comprovada cientificamente para o tratamento do transtorno em si (Nikolov, Jonker & Scahill, 2006).

### **2.3 Algumas características do TEA**

No manual DSM-5, já mencionado anteriormente, são descritas as características centrais do autismo nas seguintes dimensões: (a) comunicação social, que é o modo como se desenvolve a interação sendo, dentro do espectro, de forma atípica ou idiossincrática, além de uma conversação inclinada a ser deficitária na qualidade e fluência. Esse empobrecimento de trocas interativas é consequente da redução de compartilhamento de interesses, emoções e afetos, e (b) os comportamentos que se dão seguindo padrões restritos e repetitivos, ora movimentos estereotipados e maneirismo motores, ora os interesses do indivíduo. Como bem exemplifica Schmidt (2017), na comunicação o autista pode relatar uma história verbalmente, porém sem utilizar os recursos não-verbais, o que acarreta uma dificuldade para a compreensão do interlocutor. O autor também dá exemplos de comportamentos como as estereotípias motoras (balançar do corpo, mãos etc.), ecocalia (repetição de uma frase após ser ouvida) e o comportamento muito frequente dentre eles de alinhar e girar objetos. Ainda segundo Schmidt (2017), no quesito de interesses, as crianças dentro do espectro tendem a tê-los de forma altamente restrita e rígida, com intensidade de foco incomum: aprofundam-se em algum tema de natureza bastante peculiar, obtendo inúmeras informações sobre aquela área. Compete-nos, também, destacar que a cognição não é, isoladamente, critério para diagnóstico de autismo (Schmidt, 2014). Sabe-se que muitas crianças autistas têm deficiência intelectual (QI abaixo de 70), contudo esse teste, por si só, não fornece

uma métrica da cognição adequada para autistas, como explica Volkmar e Weisner (2018, p. 4):

Infelizmente, acontece que, com frequência, habilidades cognitivas ou intelectuais são difíceis de avaliar, em grande parte porque elas costumam ser muito difusas. Em outras palavras, crianças com autismo frequentemente fazem algumas coisas bem, como resolver enigmas, mas podem ter uma tremenda dificuldade com tarefas mais relacionadas à linguagem. O grau de discrepância entre as diferentes áreas de habilidades é muito incomum na população tipicamente em desenvolvimento, mas muito frequente em crianças com autismo.

Como já mencionado anteriormente, o autismo é um espectro e nem todas as pessoas dentro deste apresentam as mesmas características. Há muitas particularidades dentre os autistas, porém, nos baseando em Bonetti e Santos (2019) podemos elencar algumas características mais frequentes:

- a) Contato visual disperso;
- b) Interação social de maneira isolada;
- c) Expressões corporais e emocionais próprias;
- d) Comunicação social restrita;
- e) Atraso no processo de comunicação oral;
- f) Comportamentos verbais ou motores estereotipados;
- g) Interesses restritos, fixos e intensos;
- h) Apego a rotina e padrões ritualizados de conduta;
- i) Incompreensão do abstrato;
- j) Hipersensibilidades sensoriais.

### **3 PROTAGONISTAS NA CULTURA FICCIONAL DENTRO DO ESPECTRO**

#### **3.1 Representatividade ficcional**

Não há como negar a busca incessante pela representatividade. Seja na política, nas mídias sociais, no mercado de trabalho, em publicidade etc. Partindo desse pressuposto, as produções ficcionais para entretenimento, sejam produções literárias ou cinematográficas, também apontam fortemente para esse caminho. De acordo com Bakhtin (1992), as narrativas atuam na formação de consciência, isto é, ler ou assistir proporciona oportunidades de deparar-se com situações vividas pelas personagens que provocam sentimentos e ponderações, acarretando acréscimo de valores na consciência do leitor-espectador-internauta ao se identificar, gerando assim, um

conhecimento ético. Portanto, o padrão que é oferecido ao leitor-espectador-internauta irá traçar o modo como enxergam os seus contextos sociais.

Conforme Iser (1983), o texto ficcional carrega elementos do real, inquirindo-os e fixando-os, dependendo de seu posicionamento valorativo que está vinculado a mecanismos ideológicos. Esses mecanismos levam o leitor-espectador-internauta a produzir o que o autor chama de *meios de afirmação da identidade e da cultura* que, em outras palavras, trata-se de ferramentas que ele aciona para se encontrar representado naquela obra ficcional. Ademais, sob a ótica de Dalcastagnè (2005) ele almejará se conectar com outras experiências de vida ao abrir um livro ou apertar no *play*: pode querer encontrar alguém semelhante a si vivendo experiências que não viveu ou pode, ainda, querer entender como é ser outra pessoa bem distante de sua realidade. Cabe aqui uma definição teórica do papel do personagem nestes contextos de produção ficcional que, segundo Cândido (2011) é de ter seus traços definidos e o seu ser, de maneira geral, transparente. Estando em situações, tomando atitudes e suas consequências de um modo exemplar, não em um sentido restritamente positivo.

Portanto, percebe-se a importância de manter a porta da representatividade sempre aberta, uma vez que posicionamentos relativistas nas obras irão subtrair pensamentos preconceituosos em seus consumidores. Como muito bem abordado por Dalcastagnè,

Reconhecer-se em uma representação artística, ou reconhecer o outro dentro dela, faz parte de um processo de legitimação de identidades, ainda que elas sejam múltiplas. Daí o estranhamento quando determinados grupos sociais desaparecem dentro de uma expressão artística que se fundaria exatamente na pluralidade de perspectivas. (DALCASTAGNÈ, 2005, p. 14)

É evidente que conhecer realidade de outros grupos não fará com que entendamos o que é, de fato, estar inserido naquele grupo, pois por mais sensíveis e solidários que sejamos, nunca viveremos as mesmas experiências de vida e, com isso, teremos uma perspectiva distinta. Contudo, há um peso político nesta representatividade pois, segundo Dalcastagnè, a representação artística desemboca em um debate público, independente dos seus desdobramentos literários ou sociais, uma das tarefas da arte configura-se em “questionar seu tempo e a si mesma” (DALCASTAGNÈ, 2005, p. 19).

Além dos protagonistas que focaremos no próximo momento, cabe mencionar que há diversos outros personagens representando crianças e adultos dentro do espectro. Há obras baseadas em histórias reais, nesse âmbito cabe citar as produções

cinematográficas “Rain Man” (1988) com personagem inspirado em Kim Peek, que foi um *savant* com uma incrível memória fotográfica e Temple Grandin (2010) que conta a biografia de Mary Temple Grandin, uma mulher que foi diagnosticada aos 4 anos e, na fase adulta, criou a “máquina do abraço” que revolucionou as práticas para o tratamento de animais em fazendas.

Podemos destacar personagens dentro do espectro em HQs, como o recente personagem (2019) criado por Mauricio de Sousa, o André, que compõe agora a turma da Mônica e também a HQ francesa “A diferença invisível” de Julie Dachez que narra a história de uma mulher que descobre seu diagnóstico de autismo aos 27 anos e isso altera drasticamente sua vida, pois começa a compreender-se e a aceitar-se.

Outro personagem relevante é Newton Scamander, da saga *Fantastic Beasts* (2016 – atual) dirigida por David Yates. Diferente das outras produções mencionadas, o foco deste longa não está no transtorno em si e, na verdade, somente recentemente que o ator que interpreta o protagonista, Eddie Redmayne, confirmou aos fãs que Newton está dentro do espectro. Ainda no ramo ficcional cinematográfico podemos mencionar o filme americano “The Accountant” dirigido por Gavin O'Connor e o filme dramático argentino “El Faro De Las Orcas” com direção de Gerardo Olivares.

A partir desse conhecimento prévio, conheceremos os personagens do corpus de análise nessa pesquisa.

### **3.2 Nil, da obra “Meu amigo faz iiiii”**

“Meu amigo faz iiiii” (2017) é um livro voltado ao público infantil da autora Andréa Werner. A história é narrada em primeira pessoa, pela personagem Bia que observa seu colega, Nil, e percebe muitas atitudes atípicas. Podemos considerar que Nil sofre de um autismo entre intermediário e severo, por conta da intensidade dos sintomas demonstrados na narrativa que são:

- a) Contato visual disperso: A Bia informa que quando tenta se comunicar com ele, Nil parece não a escutar e, posteriormente, percebe o olhar fixo dele em alguma coisa e conclui que ele se desprende da realidade ao redor nestes momentos;
- b) Interação social de maneira isolada: Nas ilustrações de toda obra nos deparamos com Nil desacompanhado, exceto quando a Bia se empenha em alguma interação com ele;



- c) Expressões corporais e emocionais próprias: Bia conta que, por diversas vezes ele grita e chora em momentos que está se sentindo chateado;
- d) Comunicação social restrita: Bia relata que na primeira tentativa de uma conversa com Nil, em vez de respondê-la com um cumprimento ele passou a mão no cabelo dela, cheirou e saiu falando “iiii”, o que é uma conduta emocional peculiar. Além disso entendemos pela narrativa que o protagonista não corresponde sorrisos geralmente;
- e) Atraso no processo de comunicação oral: Nil ainda não desenvolveu a fala, mesmo já estando em idade escolar. O título faz menção exatamente a esse aspecto do transtorno: a dificuldade na comunicação;
- f) Comportamentos verbais ou motores estereotipados: Os referidos pela narradora-personagem são o chacoalhar de mãos, juntamente com saltos e o “iiii” mais frequente quando está entusiasmado com algo;
- h) Apego a rotina e padrões ritualizados de conduta: a Bia menciona que ele gosta de trens de brinquedo e que sempre carregava mais de um consigo;
- i) Hipersensibilidades sensoriais: Lemos que Nil tem hipersensibilidade a sons, pois cobre as orelhas com as mãos frequentemente.

### 3.3 Shaun Murphy da série “The Good Doctor”

The Good Doctor é uma série televisiva americana do diretor David Shore, baseada em uma série coreana de mesmo nome. A produção teve bastante visibilidade nos EUA em 2018 e, no Brasil, foi disponibilizada pelos canais GNT e Globo em 2019. A trama gira em torno de um protagonista dentro do Espectro Autista, Shaun Murphy, que é cirurgião residente em um hospital de grande prestígio. Além de autista, a personagem também tem *savantismo*, que, conforme Klin (p.7, 2006) é uma síndrome também conhecida como *idiot savant* (sábio idiota), pois o indivíduo demonstra alto desempenho, por vezes prodigioso, em alguma habilidade específica na presença de um déficit mental, seja leve ou moderado. A autora também menciona o interessante fato de que os indivíduos com autismo representam a maioria dentre os savant.

O seriado retrata as superações do protagonista, diante dos desafios da vida cotidiana e, principalmente, profissional em sua condição dentro do espectro. O personagem demonstra genialidade para diagnosticar casos complexos, ao passo que

deve aprender a lidar com o seu diagnóstico. Das características do dr. Shaum que se relacionam ao Transtorno podemos elencar as seguintes:

- a) Contato visual disperso: Dr. Shaum olha pouco frequentemente para os olhos das pessoas durante a comunicação e tende a ter um olhar que concentrado em algo invisível e distante;
- b) Hipersensibilidades sensoriais: Verificamos o personagem incomodado com certos tipos de sons, luzes e toques físicos;
- c) Dificuldades socioemocionais: Restrições ao demonstrar emoções, não compreende ironias, expressões faciais e alterações no tom de voz em seu meio social. Apresenta, também, falta de tato para comunicar assuntos delicados que são bastante presentes em sua profissão. Demonstra uma postura alheia aos melindres sociais, tais como mentira, jogos de poder, flerte etc.
- d) Estereotipias motoras: no caso dele são movimentos peculiares com as mãos e braços enquanto entusiasmado e, para se acalmar, mexe no próprio cabelo replicando o gesto que o irmão fazia nele quando eram crianças e/ou aperta um brinquedo que ganhou do irmão. Quando está em crises mais intensas, se deita no chão, cobre os ouvidos, fecha os olhos e repete palavras.
- e) Estereotipias verbais: torna mais longa a pronúncia de algumas vogais;
- f) Interesse fixo, intenso e, por vezes, restrito em um assunto: No caso do personagem é a medicina;
- g) Segue uma rotina rígida: vê-se, inclusive, diversos alarmes que o protagonista coloca diariamente para guiar seu ritual matinal.

### **3.4 Sam Gardner de “Atypical”**

O seriado Atypical (2017- atual) é norte-americano original Netflix, criado e dirigido por Robia Rashid. O protagonista é um estudante autista que está no ensino médio e o enredo gira em torno da busca dele pelos interesses comuns na faixa etária: encontrar um par romântico, entrar na faculdade etc. Semelhante ao personagem de The Good Doctor, trata-se de um autismo leve. Abaixo, listamos as características do personagem que podemos identificar como sendo relacionadas ao seu diagnóstico:

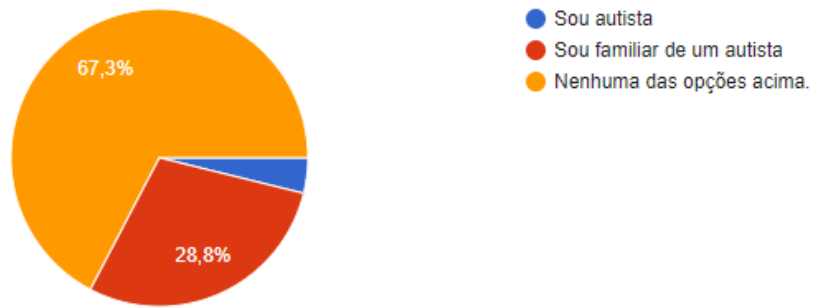
- a) Contato visual disperso: Sam desvia bastante o olhar em suas interações e o tem, por vezes, inquieto;

- b) Hipersensibilidades sensoriais: Personagem carrega consigo e utiliza frequentemente um abafador de ruído, também tem sensibilidade a roupas que não sejam de algodão e não gosta, por exemplo, de encostar as costas ao se sentar;
- c) Interesse fixo, intenso e, por vezes, restrito em um assunto: No caso do Sam é a Antártida e pinguins. Ele demonstra um foco absurdo em algumas atividades, desagarrando completamente dos acontecimentos ao redor, como quando ele observa a rotina dos seus pássaros favoritos ou desenha;
- d) Dificuldades socioemocionais: Sam é bastante literal e demonstra dificuldades em compreender o comportamento humano, sempre utilizando o comportamento animal como referência.
- e) Rotina e rituais rígidos: Quando ele precisa frequentar um local que não faz parte da sua rotina, ele se antecipa e mapeia aquele ambiente, para estar preparado para qualquer estímulo que possa vir a ter;
- f) Estereotipias motoras: Sam tem seus comportamentos auto estimulantes nos momentos de estresse, ele puxa a própria orelha, movimenta um elástico nas mãos ou anda em círculos. Ele menciona também que quando era pequeno, nesses momentos de grande estresse, ele batia a cabeça contra a parede e que encontrou formas de substituir esse comportamento.
- g) Interação social isolada: Por vezes verificamos o personagem escondido em locais na escola ou casa ou absorvido em suas atividades;

#### **4 Representatividade da comunidade autista**

A partir destas análises e para obter dados e opiniões acerca do tema, foi realizada uma enquete online com a participação voluntária de 102 pessoas. Um terço desse grupo pesquisado está relacionado com a comunidade autista (pessoas dentro do espectro ou familiares) conforme podemos identificar na figura abaixo:

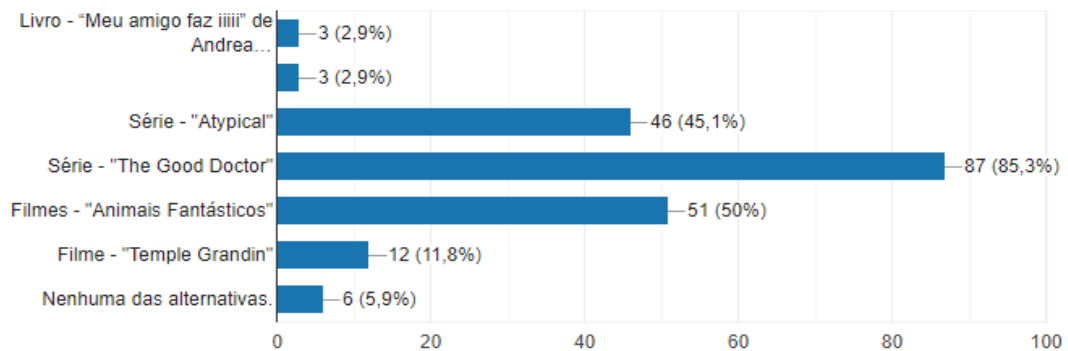
Figura 1 - Entrevistados



Fonte: Autoria própria (2019)

O primeiro questionamento foi o conhecimento de algumas obras ficcionais elencadas.

Figura 2 - Quais das produções ficcionais você conhece?



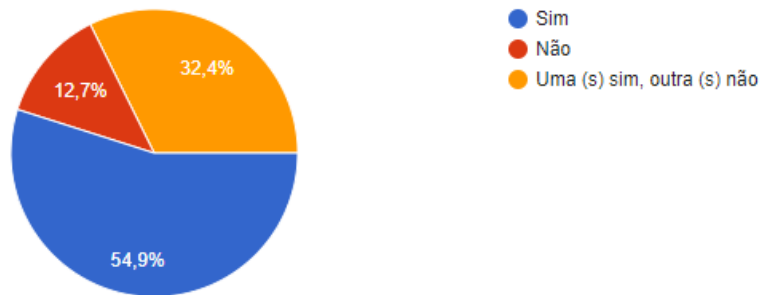
Fonte: Autoria própria (2019)

Podemos perceber, portanto, que 94,1% dos entrevistados conhecem, ao menos, uma das obras mencionadas. Uma informação importante é de que esse grupo que desconhece as obras são de pessoas não relacionadas à comunidade autista. Também percebemos popularidade do seriado "The Good Doctor", dos filmes "Animais Fantásticos" e do seriado "Atypical".

A próxima pergunta era se, de fato, os entrevistados tinham conhecimento de que se tratava de protagonistas autistas e podemos observar as respostas obtidas na figura abaixo.

Figura 3 - Você sabia que se trata de protagonistas dentro do Espectro Autista?

102 respostas

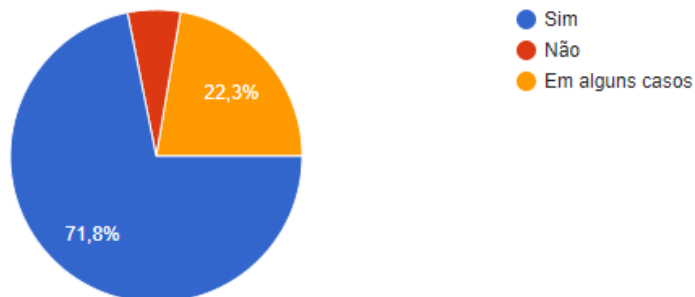


Fonte: Autoria própria (2019)

Deste resultado, é importante analisar que esses 12,7% (13 entrevistados) que responderam que não tinham conhecimento da condição dos protagonistas são compostos da seguinte maneira: seis são os entrevistados que não conheciam nenhuma das obras. Sobre os sete restantes, quatro haviam respondido conhecer somente “Animais Fantásticos”. Como o enfoque de Animais Fantásticos não está na condição de TEA do protagonista e de que essa confirmação veio à tona recentemente por declaração do ator que interpreta o personagem, é justificável que as pessoas desconheçam a informação. Portanto, restaram 3 entrevistados que conheciam outras obras e, mesmo assim, desconheciam esse aspecto no protagonista.

A próxima pauta foi a representatividade dos autistas da vida real por meio dos personagens destas culturas ficcionais.

Figura 4 - Em sua opinião, esses personagens aumentam a representatividade da comunidade autista?

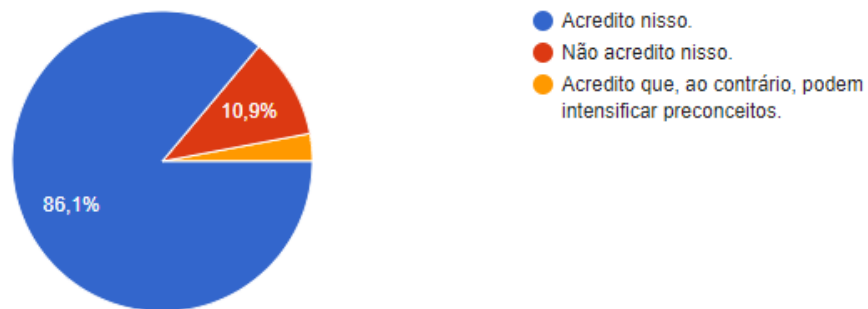


Fonte: Autoria própria (2019)

A respeito deste resultado, é importante evidenciar que os 5,9% que responderam “não” não fazem parte da comunidade autista. Portanto, todos os autistas e familiares de autistas entrevistados responderam “sim” ou “Em alguns casos”. Essa representatividade em parte se dá, provavelmente, pela inexistência de protagonistas de nível intermediário e severo em todas obras que são mais populares.

O próximo questionamento é relacionado ao preconceito: auxilia a diminuir, não altera ou pode intensificar? As opiniões obtidas dos entrevistados encontram-se na figura abaixo.

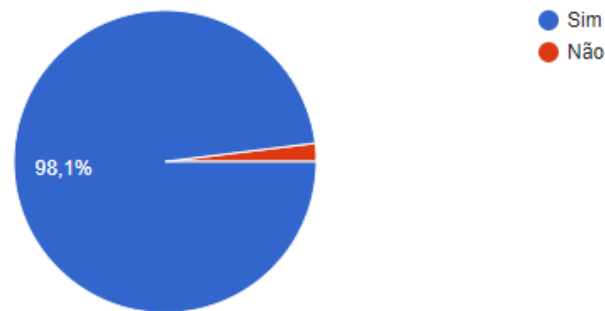
Figura 5 - Você acredita que essas produções ficcionais podem, de maneira geral, diminuir preconceitos?



Fonte: Autoria própria (2019)

A grande maioria acredita na redução do preconceito em decorrência dessas obras e protagonistas. Contudo, torna-se compreensível que 13,9% dos entrevistados não acreditem nessa redução, pois, como mencionado anteriormente, os protagonistas mais populares representam apenas o autista leve em um contexto que auxilia seu desenvolvimento, o que não é a realidade da grande maioria das crianças e jovens no TEA atualmente no Brasil. Com isso, pode-se aumentar um estereótipo não tão próximo à realidade e, conseqüentemente, acarretar num outro tipo de preconceito. Devem-se trabalhar em representações do TEA em outras idades, graus e contextos.

Figura 6 - Você acredita que o conhecimento adquirido por meio dessas produções ficcionais sobre o TEA é positivo para a sociedade?



Fonte: Autoria própria (2019)

Percebe-se que, de modo geral, o público, relacionado ou não a comunidade autista, considera o conhecimento obtido acerca do transtorno por meio da cultura ficcional, benéfico para a sociedade.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desta pesquisa, foi possível observar que personagens protagonistas com TEA, de maneira geral, são benéficos para a sociedade por conta do conhecimento adquirido por meio das obras. Podemos, primeiramente, mencionar os benefícios para a comunidade autista que adquire autonomia e representatividade, identificando-se e inspirando-se na ficção. Também há benefícios para as pessoas ao redor de autistas, pois os primeiros passos para a inclusão é tomar conhecimento dos atípicos, descobrir suas particularidades e respeitá-las. Ademais, há diversos benefícios para a produção de conhecimento científico a partir dessas obras. O papel da cultura não é ser hostil com os que não se encaixam no grupo de neuro típicos, a cultura precisa ser acolhedora e inclusiva. Vê-se que a busca não deve ser pela cura do autismo como patologia e, sim, pela educação dos neuro típicos – uma ferramenta para isso é a cultura ficcional com protagonistas autistas.

Outrossim deve-se conservar um grande cuidado para que, nos casos de transtornos mentais, tenha-se uma boa representação dos aspectos particulares de cada indivíduo, para que não tenhamos generalizações e a cultura ficcional, portanto, não semeie preconceitos ou crie estereótipos.

Ademais, compreendemos que é importante a representatividade dos diversos “ser” existentes nas produções ficcionais para que, de fato, o leitor-espectador-internauta tenha contato com outras realidades e torne-se, cada vez mais, conhecedor de contextos e humanizado pela cultura. Portanto, há espaço para mais produções deste tipo e outras, também, que representem, por exemplo, protagonistas autistas de outras idades e graus dentro do espectro, afinal queremos que todos os autistas da vida real sejam protagonistas de suas próprias histórias.

## REFERÊNCIAS

AUTISMO In **Michaelis dicionário online Brasileiro da Língua Portuguesa**. Editora Melhoramentos: 2019. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br>. Acesso em: 03 nov. 2019.

**ATYPICAL**. [seriado] Direção: Seth Gordon. Produtora: Jennifer Jason Leigh. Estados Unidos: Sony Pictures Television. 2017 – presente.

BAKTHIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BONETTI, Joelma Crista Sandri; SANTOS, Adriana Prado Santana. **Autismo: causas, diagnóstico e tratamento**. Uniasselvi: 2019.

CANCLINI, Nestor García. **Leitores, espectadores e internautas**. Tradução de Ana Goldberger. São Paulo: Iluminuras, 2008.

CÂNDIDO, Antônio et al. **A personagem de ficção**. 10. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000. 119 p.

CAVALCANTI, Ana Elizabeth; ROCHA, Paulina Schimidtbauer. **Autismo: construções e desconstruções**. 4 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

CDC/U.S. Department Of Health And Human Services. **CDC estimates 1 in 68 children has been identified with autism spectrum disorder**. Disponível em <https://www.cdc.gov/media/releases/2014/p0327-autism-spectrum-disorder.html>. Acesso em 04 nov 2019.

DALCASTAGNÈ, Regina. **A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004**. In Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea: 2005. Disponível em <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/index>. Acesso em 17 nov. 2019.

DACHEZ Julie. **A diferença invisível**. São Paulo: Editora Nemo, 2016.

DSM-V. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.



**FANTASTIC Beasts and Where to Find Them.** Direção: David Yates. Reino Unidos e Estados Unidos: Heyday Films, 2016.

ISER, Wolfgang. **Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional.** In: LIMA, Luiz Costa (org). A Teoria da Literatura em suas fontes. V. II. 2 ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1983.

KLIN, Ami. **Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral.** Revista Brasileira de Psiquiatria. v. 28, n. Supl I, p. S3-11, 2006.

NIKOLOV, Roumen; JONKER, Jacob; SCAHILL, Lawrence. **Autismo: tratamentos psicofarmacológicos e áreas de interesse para desenvolvimentos futuros.** Revista Brasileira de Psiquiatria, v. 28, n. Supl I, p. S39-46, 2006.

OPAS/OMS Brasil. **Folha informativa - Transtorno do espectro autista.** Brasília: 2017. Disponível em <https://www.paho.org/bra/index.php?Itemid=1098>. Acesso em: 03 nov. 2019.

PEREIRA, Isidro. **Dicionário Grego-português e Português-Grego.** 4 ed. Porto: 1969.

PERISSÉ, Gabriel. **Literatura & educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 146 p.

RAIN Man. Direção: Barry Levinson. Estados Unidos: United Artists, 1988.

SCHMIDT, Carlo. **Transtorno do Espectro Autista: Onde estamos e para onde vamos.** Maringá: Psicologia em Estudo, 2017.

SCHMIDT, Carlo (org). **Autismo, educação e transdisciplinaridade.** Campinas: Papyrus, 2014. 240p.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa; GAIATO, Mayra Bonifácio; REVELES, Leandro Thadeu. **Mundo Singular: Entenda o Autismo.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

**THE Good Doctor** [seriado]. Direção: David Shore. Produção: Ron French et al. Estados Unidos: Sony Pictures Television e ABC Studios, 2017 – presente.

**THE Accountant.** Direção: Gavin O'Connor. Estados Unidos: Warner Bros. Pictures, 2016.

**TEMPLE Grandin.** Direção: Mick Jackson. Estados Unidos: HBO, 2010.

VOLKMAR, Fred; WEISNER, Lisa. **Autismo: Guia Essencial para Compreensão e Tratamento.** 1 ed. Porto Alegre: Artmed, 2018.

WERNER, Andréa. **Meu amigo faz iiiii.** São Paulo: CR8 editora, 2017.

WHITMAN, Tomas. **O desenvolvimento do autismo.** São Paulo: M. Books Editora, 2019. P. 320.